

O DISCURSO INTERACTIVO EM DIFERENTES GÊNEROS: UMA ABORDAGEM EMPÍRICA

FLORENCIA MIRANDA

(Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa /
Fundação para a Ciência e a Tecnologia / Universidad Nacional de Rosario)

ABSTRACT: The aim of this paper is to explore the relations between text genres and types of discourse inside the socio-discursive interactionism framework. In this paper conclusions of an empirical research based on a text corpus produced in European Portuguese are presented. Here I analyse the linguistic characteristics of the interactive discourse in five different text genres: the radio interview (oral), the magazine interview (written), the horoscope, the cooking recipe, and the meteorological bulletin.

KEYWORDS: text genre; types of discourse; socio-discursive interactionism; interactive discourse

1. Introdução

No quadro do Interaccionismo Sociodiscursivo (ISD), as noções de *género de texto* e de *tipos de discurso* são fundamentais para a análise dos textos. Esta relevância prende-se com o modo de conceber as relações que se estabelecem entre os textos e os géneros, por um lado, e entre os textos e os tipos de discurso, por outro. Resumidamente, lembremos que se assume nesta perspectiva que todo o texto é produzido a partir de um modelo de género (cf. Bronckart, 1997: 40; 2004: 105 e 2005: 65, entre outros) e que todo o texto é composto necessariamente por um (ou mais de um) tipo de discurso (cf., por exemplo, Bronckart 2005: 66-67).

Se a articulação entre géneros e textos, por um lado, e entre textos e tipos de discurso, por outro, surge, assim, claramente estabelecida, as relações entre *géneros de texto* e *tipos de discurso* podem ser objecto ainda de um maior aprofundamento no âmbito do ISD. Foi com esta convicção que me propus, num trabalho anterior (Miranda 2008b), reflectir acerca dos modos como géneros e tipos se articulam.

O presente artigo dá conta de um estudo empírico realizado com o objectivo de testar uma das hipóteses levantadas nesse trabalho anterior. Esta hipótese, colocada a partir da observação de quatro textos de géneros diferentes produzidos em português europeu, permitiria considerar que, em

Estudos Linguísticos/Linguistic Studies, 3, Edições Colibri/CLUNL, Lisboa, 2009, pp. 365-381

determinados géneros de texto, o *discurso interactivo* apresenta particularidades ao nível das unidades semióticas instanciadas; de modo que, de acordo com os géneros, este tipo de discurso mostra especificidades no plano da configuração do *tipo linguístico*.

Antes de apresentar e comentar os resultados do estudo empírico realizado, explicitarei brevemente algumas das motivações fundamentais para a realização do estudo e especificarei aspectos metodológicos que, por razões de espaço, só descreverei de modo global.

2. A análise das relações entre géneros de texto e tipos de discurso

O estudo das formas em que géneros textuais e tipos de discurso se relacionam surge, primeiramente, a partir de uma série de motivações originadas por algumas pistas de aprofundamento que Bronckart foi mostrando em diversas publicações. A título de exemplo, repare-se nas observações do autor relativamente à necessidade de realizar estudos empíricos sobre géneros produzidos por autores “não consagrados” (e para além do âmbito da actividade científica e literária) e de aprofundar os estudos comparativos ou sobre outras línguas naturais além do francês (cf. Bronckart 1997: 339). O presente trabalho propõe-se avançar por estas pistas de investigação.

Poder-se-ia dizer que o trabalho de caracterização dos tipos de discurso desenvolvido no quadro do ISD foi realizado a partir de uma análise ‘transversal’ de traços linguísticos de textos de diferentes géneros, com o objectivo de encontrar feixes de traços comuns e estabelecer, assim, os “tipos”, como configurações teóricas/abstractas. No meu trabalho, proponho fazer o caminho contrário, na medida em que procuro observar a especificidade dos tipos de discurso relativa a géneros diversos. Ou melhor, pretendo comprovar se esses tipos apresentam especificidades de acordo com o género que os mobiliza.

Como já referi, o trabalho empírico desenvolvido, cujos resultados apresentarei aqui, tem como antecedente imediato uma proposta de reflexão/problematização publicada em Miranda (2008b). No quadro dessa proposta, coloquei o problema de saber se um mesmo tipo de discurso mobilizado em géneros diferentes pode apresentar especificidades linguísticas. Para aprofundar a problematização, centrei-me no caso do discurso interactivo e perguntei-me se os géneros que mobilizam o discurso interactivo realizam indistintamente qualquer uma das características linguísticas próprias deste tipo de discurso. Foi nesse contexto que levantei a hipótese antes mencionada relativamente às especificidades do discurso interactivo em géneros diferentes. Isto surgiu da observação de textos produzidos em português europeu¹. É importante sublinhar que a hipótese surgiu da análise de apenas *quatro textos* de quatro géneros distintos, a saber: entrevista (escrita, publicada em revista), receita de cozinha, horóscopo e boletim meteorológico. Assu-

¹ Outros estudos que também observam, entre outros aspectos, o discurso interactivo em géneros produzidos em português europeu são Coutinho (2004) e Miranda (2004 e 2007).

mindando que análise textual e análise de géneros são, de facto, abordagens de ordens diferentes (cf. Gonçalves & Miranda, 2007), a análise de textos singulares pode permitir identificar hipóteses de trabalho relativamente aos géneros, mas não permite obter conclusões definitivas em relação à organização genérica. Assim sendo, para comprovar a hipótese levantada é preciso constituir um *corpus* de análise que demonstre que as características observadas são recorrentes em vários textos do mesmo género e que, portanto, não se trata apenas de aspectos relativos aos textos singulares.

De acordo com a observação dos quatro textos empíricos, notei a realização das seguintes características do discurso interactivo:

Género de texto	Tipo linguístico associado ao discurso interactivo (características linguísticas observadas)
Entrevista	Alternância de turnos de fala Frases não declarativas (interrogativas) Unidades que remetem ao espaço (deícticos espaciais) e ao tempo (deícticos temporais) Nomes, verbos e pronomes de primeira pessoa do singular e do plural e de terceira pessoa do singular que remetem aos protagonistas da interacção verbal (o entrevistado, em particular)
Horóscopo	Frases não declarativas (imperativas) Unidades que remetem ao tempo (deícticos temporais) Verbos e pronomes de terceira pessoa do singular que remetem ao destinatário do texto
Receita de cozinha	Frases não declarativas (imperativas) Verbos na terceira pessoa do singular que remetem ao destinatário do texto
Boletim meteorológico	Unidades que remetem ao tempo (deícticos temporais)

Quadro 1: Géneros e características linguísticas do discurso interactivo (Miranda, 2008b)

A questão que me coloco agora é a de saber se estas características são, de facto, próprias dos géneros em causa ou se são, pelo contrário, específicas dos textos singulares analisados. É, então, com o objectivo de validar ou contestar a hipótese levantada que desenvolvi o estudo empírico que se apresenta agora.

3. Aspectos metodológicos do estudo

Para este trabalho foi constituído um *corpus* heterogéneo de textos produzidos em português europeu contemporâneo. A heterogeneidade do *corpus* está marcada pela diversidade de géneros considerados: entrevista em rádio (locutor/ouvinte, via telefone), entrevista em revista semanal, horóscopo em

revista semanal, receita de cozinha em revista semanal e boletim meteorológico em jornal diário (versão papel). Note-se que, para além dos quatro géneros considerados no trabalho anterior, decidi incluir um género oral: a entrevista em rádio. Esta opção esteve baseada, por um lado, no interesse de alargar o estudo para algum género da oralidade e, por outro, no desejo de explorar a ideia de que o suporte tem uma influência fundamental na constituição e configuração de um género². Assim, interessa-me observar (e demonstrar) como uma mesma 'etiqueta', no caso *entrevista*, pode designar configurações de espécies diferentes.

Estes cinco géneros têm em comum o facto de circularem em meios da comunicação social portuguesa contemporânea (rádio, revista e jornal) e de constituírem casos de géneros que implicam parâmetros da situação de acção; dada esta última característica, em todos eles é previsível a ocorrência do discurso interactivo. De cada um destes géneros foram recolhidos 20 textos, de modo que o *corpus* geral é constituído por 100 exemplares.

O trabalho de análise foi organizado em três etapas. Primeiramente, foram seleccionadas algumas das unidades características do discurso interactivo (ver *infra*). Depois, realizou-se uma análise de ocorrência (presença/ausência) das unidades e uma primeira análise de frequência. Finalmente, foram identificados os factores que intervêm na ocorrência ou não ocorrência das unidades nos textos/géneros.

Relativamente às unidades seleccionadas para a análise, o trabalho retomou as unidades analisadas no trabalho de problematização anterior (Miranda, 2008b). Essa escolha teve como ponto de partida a listagem de 27 unidades consideradas na caracterização dos tipos de discurso na obra colectiva de 1985 (Bronckart et al., 1985). Depois, levando em consideração as unidades próprias do *discurso interactivo* definidas nessa mesma obra, por um lado, e a caracterização específica deste tipo de discurso sintetizada em Bronckart (1997: 169-172), por outro, foram escolhidas sete características linguísticas para a análise, a saber:

- Inscrição da primeira pessoa do singular
- Inscrição da segunda pessoa do discurso (destinatário), mediante segunda pessoa gramatical no singular
- Inscrição da segunda pessoa do discurso (destinatário), mediante terceira pessoa gramatical no singular
- Deixis temporal
- Deixis espacial
- Frases não declarativas (imperativas, interrogativas e exclamativas)
- Alternância de turnos fala

Em termos gerais, a opção foi observar as unidades que explicitam a implicação de parâmetros da situação de acção (especificamente: agentes,

² Sobre a relação entre género e suporte, consulte-se Maingueneau (1998), Marcuschi (2003) e Miranda (2007).

tempo e espaço) e os mecanismos que se relacionam com modalidades de participação e de expressão dos agentes (no caso da alternância de turnos de fala e da ocorrência de frases não declarativas).

Repare-se que só considere as marcas da primeira pessoa do singular, que é um traço específico do discurso interactivo, e que distingui duas possibilidades da inscrição da segunda pessoa (ou do destinatário/receptor): a segunda pessoa gramatical e a terceira pessoa gramatical. Isto, como veremos, prende-se com uma especificidade da língua portuguesa. Em nenhum dos casos considere as formas do plural.

4. Marcas do Discurso Interactivo em cinco géneros textuais

A análise dos textos do corpus mostra um panorama diversificado da ocorrência de traços do discurso interactivo nos cinco géneros, tal como se mostra no quadro 2.

	Entrevista em rádio	Entrevista em revista semanal	Horóscopo (revista semanal)	Receita de cozinha (revistas)	Boletim meteorológico (jornais)
Alternância de turnos de fala	+	+	—	—	—
Primeira pessoa singular	+	+	—	+	—
Segunda pessoa singular	—	—	—	—	—
Terceira pessoa singular (valor de 2 ^a)	+	+	+	+	—
Deícticos temporais	+	+	+	—	+
Deícticos espaciais	+	+	—	—	—
Frases não declarativas	+	+	+	+	—

Quadro 2: Ocorrência de características linguísticas do discurso interactivo nos diferentes géneros

O carácter esquemático do quadro não permite pôr em evidência as especificidades relativas a cada um dos géneros em análise. De facto, a leitura deste quadro-síntese poderia levar a concluir, por exemplo, que nas duas espécies de entrevista analisadas o discurso interactivo não apresenta divergências. Porém, como veremos, isto não é verdadeiro. Por isso, é preciso

observar mais de perto o modo como estas características se realizam em cada gênero.

4.1. Alternância de turnos de fala

Relativamente à alternância de turnos de fala, que no *corpus* só se verifica nas entrevistas, as duas espécies de **entrevista** analisadas (oral em rádio e escrita em revista) mostram divergências que dizem respeito à modalidade de construção dos textos.

As 20 **entrevistas orais** analisadas são textos gravados de programas de rádio orientados a público adulto, que constituem conversas entre o locutor e um ouvinte do programa em questão. Em todos os casos, os ouvintes assumem o papel de entrevistado, apresentando opiniões sobre temas diversos ou relatando histórias pessoais. Assim, nos diversos textos observa-se a co-ocorrência (alternâncias ou fusões) dos diferentes tipos de discurso. Estas entrevistas de rádio são textos *poligerados* (em que intervêm dois interlocutores) e conformam, portanto, uma produção dialogal. Contrariamente, nas **entrevistas publicadas em revista**, a alternância de turnos de fala é uma encenação do agente-produtor do texto, isto é, do jornalista que produz e assina o texto – mediante indicação peritextual. Assim, a produção dos textos deste gênero (entrevista escrita) é *monogerada*, sendo que a alternância de turnos é uma construção interna dos textos.

Neste sentido, as diferentes formas de alternância de turnos de fala nas duas espécies de entrevista podem ser compreendidas a partir da distinção entre as noções de dialogal/monologal e diálogo/monólogo, tal como discutidas por Bronckart (1997: 184 e ss.). Para o autor, estas oposições remetem a planos diferenciados. A primeira oposição (a que se pode acrescentar a noção de polilógico) coloca uma distinção ao nível do contexto e diz respeito à quantidade de agentes de produção do texto, de modo que um texto será dialogal, polilógico ou monologal de acordo com a quantidade de sujeitos que participam da construção textual. Já a distinção entre diálogo (ou polílogo, conforme o caso) e monólogo corresponde ao plano textual, ou seja, ao modo de construção interna do texto, em que se podem encontrar segmentos dialogados ou monologados³. No caso das **entrevistas em rádio**, trata-se de uma alternância que é simultaneamente produto de uma produção dialogal (pois há dois emissores-interlocutores que assumem o turno de fala de forma alternativa) e uma planificação dialogada (porque há a construção de um diálogo no texto). Nas **entrevistas em revistas**, por seu lado, vemos uma produção monologal (pois é um texto produzido pelo jornalista, a partir de um texto anterior) e uma planificação dialogada (porque o texto se apresenta em forma de diálogo, às vezes introduzido por um segmento monologado).

³ Convém explicitar que a distinção entre diálogo e monólogo não é paralela à oposição entre oral e escrito. De facto, o suporte não é um parâmetro de distinção (ou previsão) destas características de construção válido para todos os gêneros; por exemplo, um texto pode ser oral e monologado (conferência), oral e dialogado (consulta médica), escrito e monologado (decreto-lei) ou escrito e dialogado (*chat*).

As duas espécies de entrevista divergem, então, no modo como a alternância de turnos é construída. Isto diz respeito não só à estruturação dos enunciados, mas também ao próprio conteúdo proposicional. Veja-se, a título de exemplo, como se iniciam dois textos inscritos em cada uma das espécies de entrevista⁴:

- (1) – **Meia-noite e vinte e oito. Voltamos ao Norte do país, até Vila Nova de Gaia, para falar com José Manuel**
 – Sim, senhor
 – **José, boa noite**
 – Boa noite
 – **Boa noite ou bom dia?**
 – Para mim ainda é boa noite, ainda não me deitei
 – **Ah! Então é boa noite.** [risos]
 – Pois, exactamente, ainda não me deitei
 – **Se não foi à cama, ainda é boa noite, claro**
 – Exactamente
 – **Então, José?**
 – Cá estamos
 – **Como é que está?**
 – Então, e o Marcos Pinto como é que está?
 – **Eu vou bem, obrigado**
 – Vai bem? Está-se bem?
 – **Sim, claro**
 [...]
- (2) “A pesca à lula é uma *paródia*”
 Para descarregar o stresse, Carlos Canto Moniz, responsável por discotecas na Linha de Cascais, costuma ir à pesca. Por Maria Inês Almeida
O hobby da pesca começou quando?
Comecei muito novo com o meu pai, que também sempre teve o mar como *hobby*. Apesar de ser médico-cirurgião, fez vela desde pequeno, pois já o avô dele era médico e um grande pescador. Íamos dar voltas de barco à vela e quando ia com o meu pai levávamos o material para a pesca. [...]

O exemplo (1) – que corresponde à parte inicial de uma entrevista em rádio – mostra, com sobreposições e redundâncias, uma troca de cumprimentos. Esta estruturação é representativa do conjunto dos textos do *corpus* relativos a este género. Contrariamente, nas entrevistas em revista, de que o exemplo (2) é uma amostra significativa, a distribuição das falas apresenta uma maior uniformização das intervenções (geralmente, maiores no entrevis-

⁴ Os sublinhados, que retomarei no próximo ponto, são meus. O emprego de negrito é do original, no caso da entrevista escrita, e meu no caso da transcrição da entrevista oral. Em todos os fragmentos de entrevista reproduzidos neste trabalho, as falas do entrevistador são colocadas em negrito.

tado), sem sobreposições nem redundâncias, e sem que haja troca de cumprimentos no início, de modo que a conversa “representada” no texto não “reproduz” o encontro entre os interlocutores, mas o núcleo da entrevista prévia.

Para além disso, é evidente que a alternância de turnos em ambas as espécies de entrevista é assinalada de formas diferentes: pela mudança de voz nas entrevistas orais e pela variação tipográfica (negrito vs. recto) e salto de parágrafo nas entrevistas escritas. Finalmente, importa sublinhar que nas entrevistas orais há uma maior presença de marcadores conversacionais quando comparadas com as entrevistas em revista. Repare-se, no exemplo (1), no emprego de formas como “claro”, “então” ou ainda “sim, senhor”.

4.2. Marcas de agentividade relativas ao emissor: inscrição da primeira pessoa do singular

As formas da primeira pessoa surgem no *corpus* quase exclusivamente nas **entrevistas**. Mas a ocorrência da primeira pessoa do singular (verbal ou pronominal) mostra divergências conforme se trate das entrevistas de rádio ou de revista. Nas **entrevistas de revista**, não se verificam geralmente marcas de primeira pessoa do singular nas falas do entrevistador e abundam nas falas do entrevistado. De facto, nas vinte entrevistas analisadas só há o caso de uma intervenção do entrevistador com uma marca da primeira pessoa:

(3) **Contaram-me que teve uma tentativa de suicídio.**

Tive duas. No dia 26 de Junho do ano 2000, tentei suicidar-me duas vezes em 24 horas. (...)

Contrariamente, nas **entrevistas em rádio**, a distribuição das marcas da primeira pessoa do singular é um pouco mais equilibrada: tanto há nas falas do entrevistado, quanto nas intervenções do entrevistador. Provavelmente, esta diferença pode ser explicada pelo trabalho de retextualização (Marcuschi, 2001) que o jornalista-entrevistador realiza na produção do texto escrito. Esta retextualização implica a ‘conversão’ de uma entrevista prévia (geralmente oral) neste texto que se publica escrito na revista. Assim, é possível assumir que uma das alterações na actividade de retextualização de entrevistas seja o apagamento da primeira pessoa do singular nas falas do entrevistador. Esta divergência entre as duas espécies de entrevista pode ser observada nos exemplos (1) e (2), em que as marcas da primeira pessoa do singular aparecem sublinhadas.

Nos restantes géneros em análise nota-se a ausência da primeira pessoa do singular. De maneira que, mesmo nos textos assinados (como os horóscopos), a voz do autor não se manifesta explicitamente. No caso do **boletim meteorológico**, enquanto género de divulgação de previsões científicas, a ausência da primeira pessoa permite construir uma imagem de objectividade, ou mesmo de “cientificidade”. Talvez nos **horóscopos** haja uma mesma pretensão de objectividade e seriedade, “cientificamente” sustentada.

A única excepção a esta não ocorrência da primeira pessoa nos restantes géneros em análise diz respeito à presença da primeira pessoa do singular em **receitas de cozinha** integradas numa rubrica de uma publicação portuguesa (“Avental dos famosos”, da revista dominical do *Diário de Notícias*). Nesses casos, os textos mostram uma construção mais próxima do relato exemplar que da instrução (típica das receitas), sendo que um cozinheiro apresenta os passos que ele próprio segue para realizar o prato em questão. Veja-se o seguinte exemplo:

- (4) **Crepes de camarão com gengibre** (para duas pessoas) (...)
 Num *wok* ou frigideira coloco o azeite e o óleo de palma e refogo as cebolas finamente picadas, junto ao alho picado, o gengibre ralado, o tomate sem pele nem grainhas, os pimentos cortados, o chili picado, o vinho, a manteiga de coco e por fim o miolo dos camarões. Coloco, na bancada, duas folhas sobrepostas de massa filó, dobro ao meio (para que não se parta) usando a manteiga derretida para colar, ponho o recheio e fecho. Levo a forno quente cerca de dez minutos. (...)

Este emprego da primeira pessoa em receitas é sem dúvida pouco frequente e explica-se pelo facto de a receita estar integrada numa rubrica em que, para além da receita, o cozinheiro exprime opiniões acerca, por exemplo, da própria actividade culinária. Com efeito, na grande maioria das receitas analisadas (que aparecem nas revistas como rubricas específicas) encontramos o emprego dos verbos no imperativo (ver *infra*).

4.3. Marcas de agentividade relativas ao destinatário: a segunda pessoa do discurso

Em português, a “segunda pessoa do discurso” (o *destinatário*) pode manifestar-se mediante formas nominais ou formas verbais e pronominais da segunda pessoa gramatical ou da terceira pessoa gramatical. A variação entre a segunda pessoa gramatical e a terceira pessoa gramatical prende-se com os modos de marcação da “deixis social” e, portanto, com parâmetros que dizem respeito, em princípio, ao tipo de relação que se estabelece entre enunciador e destinatário.

Nos géneros analisados, não há formas da segunda pessoa gramatical. No entanto, há, em determinados géneros, o emprego da terceira pessoa gramatical com valor de segunda pessoa do discurso. O facto de não haver formas da segunda pessoa gramatical nos textos analisados explica-se pelas características do interlocutor (nas entrevistas) ou pelo tipo de destinatário previsto (em horóscopos e receitas). Isto não significa, porém, que não existam entrevistas, receitas ou horóscopos, fora do *corpus* analisado, em que se empregue a segunda pessoa gramatical (cf. Miranda 2008a e Miranda 2008b: n. 10).

No caso das **entrevistas**, a presença de dois interlocutores (reais ou encenados) explica a ocorrência numerosa de formas de tratamento alocutivo. Contudo, cabe notar que nas entrevistas escritas analisadas só ocorrem

estas formas nas intervenções do entrevistador, enquanto que nas entrevistas orais ocorrem tanto nas falas do entrevistador quanto nas do entrevistado. Veja-se a ocorrência de possessivos, pronomes pessoais e verbos na terceira pessoa com valor de segunda nos seguintes fragmentos, em que (5) é um trecho de entrevista escrita e (6) um segmento de entrevista oral:

(5) **O que está a fazer?**

No dia 11 de Março inauguro a minha exposição *Some Limits of Reason*, em Nova Iorque, na Galeria Sean Kelly. (...)

A sua última proposta artística apresentada em Coimbra residia numa provocação ao espectador e ao acto de visionar uma obra. Sente que o público acusou essa provocação?

A ideia era o espectador chegar a um sítio e nesse instante haver uma presença que fugia (...)

E é severo consigo próprio?

Sou sempre severo. (...)

Interessa-lhe perceber como está a evolução do seu reconhecimento internacional?

Isso passa-me bastante ao lado. (...)

(6) (...) Olhe, ó Marcos Pinto,
Diga lá, José (...)

As receitas de cozinha e os horóscopos apresentam uma presença significativa de formas de interpelação ou tratamento ao destinatário. Todavia, é preciso observar que nas **receitas** há exclusivamente verbos no imperativo, enquanto que nos **horóscopos** ocorrem formas verbais no imperativo, no indicativo ou no conjuntivo, possessivos e pronomes pessoais oblíquos. Vejam-se os seguintes exemplos:

(7) Salada da avó com filetes

Ingredientes (...)

Preparação

Faça uma marinada com o sumo de limão, o alho picado, o louro e os restantes ingredientes e deixe os filetes lá dentro entre 2 e 3 horas. Entretanto, prepare a salada. Comece por fazer um puré com a batata ligada com o leite e a manteiga e aromatize-o com a noz moscada, sal e pimenta. Deite o puré numa terrina e deixe arrefecer um pouco. Junte o tomate (sem pele nem grainhas) e o pepino cortado aos cubos, tempere com azeite e vinagre e rectifique o sal. Para terminar os filetes, faça um polme misturando as farinhas com os ovos. Adicione cerveja até obter uma consistência nem muito grossa nem muito líquida. Passa os filetes pelo polme e frite-os em óleo bem quente. Sirva com a salada.

(8) Carneiro

A conjuntura propicia uma visão optimista da vida. Aproveite as suas potencialidades e aceite novos desafios. PLANO AFECTIVO: Não deixe

de se divertir. Esta semana pode experimentar novas e aliciantes situações. Mesmo as relações em curso desenvolvem-se da melhor forma. PLANO MATERIAL: Conjuntura favorável a quem está perante novas actividades profissionais. A inspiração pauta a sua conduta encontrando as soluções mais brilhantes para as situações. Na saúde dedique todo o tempo possível a filhos.

(9) Virgem

Devido a divergências de opiniões, poderão ocorrer alguns conflitos familiares ou nas suas relações laborais. É uma altura de tensões no seu dia-a-dia que lhe poderão criar alguma insegurança e ansiedade. Procure tirar partido da junção da sua energia criativa com o realismo do seu cônjuge ou sócio.

4.4. Deícticos temporais

De entre os géneros analisados, só as receitas culinárias não apresentam deícticos temporais. De facto, embora haja uma construção em que o processo descrito é evolutivo e alguns passos do processo mostrem, por exemplo, uma duração determinada ou um tempo de elaboração específico, as indicações de cariz temporal – como a simultaneidade indicada no exemplo (7) mediante “entretanto” – não estão ancoradas no tempo de produção ou recepção do texto, mas são relativas ao próprio processo de elaboração do prato.

Contrariamente, os boletins meteorológicos, os horóscopos e as entrevistas mobilizam diversos deícticos temporais. Boletim meteorológico e horóscopo são géneros em que se aplica perfeitamente a ideia de “duração de validade presumida” (Maingueneau, 1998). Ou seja, a ideia de que o conteúdo temático tem um “prazo de validade”. O boletim meteorológico tem a duração de validade presumida de um dia: o dia da publicação. Já os horóscopos analisados – publicados em revistas semanais – têm uma validade de uma semana, a partir do dia da publicação. Daí que os deícticos utilizados em ambos os géneros sejam diferentes.

No **boletim meteorológico** encontramos os advérbios “hoje”, “amanhã”, “ontem”, ou ainda “depois de amanhã”. Além disso, podem ocorrer indicadores nominais como dias da semana (domingo, segunda-feira, etc.) ou partes do dia (“a tarde”). Veja-se o seguinte fragmento de um dos textos analisados:



Exemplo (10)

Nos **horóscopos** do *corpus*, por seu lado, os deícticos mais frequentes são “esta semana” (cf. exemplo (8)), “nesta altura” ou “nestes dias” (ver exemplo (11)), sendo que todas as expressões equivalem à semana que começa no dia da publicação do horóscopo em causa.

(11) Sagitário

Estará com tendência para sentir impaciência e irritação, o que pode originar conflitos com os seus familiares. Nesta altura terá maior tendência para querer impor a sua vontade em assuntos relativos à casa e à família. Deve pensar bem antes de agir, controlar-se e não ter atitudes arrogantes. A sua segurança interior vai ser posta à prova nestes dias.

Em relação às entrevistas, note-se que as diferenças nos processos de produção entre ambas as espécies analisadas têm repercussões no emprego de deícticos temporais (como também nos espaciais, ver *infra*). Nas **entrevistas de rádio**, “hoje” pode ser relativo ao dia em que a conversa se desenvolve (coincidente com o tempo de circulação em rádio e recepção/audição dos ouvintes do programa). Já nas **entrevistas de revista**, “hoje” corresponde à época (mais ou menos alargada) em que a entrevista se publica, e não ao dia de realização da conversa prévia entre os interlocutores, nem da produção da entrevista escrita. Comparem-se estes dois fragmentos:

(12) **Há vinte anos, quando uma pessoa era obesa ou tinha excesso de peso, recomendava-se que não comesse gorduras e que fizesse exercício. Hoje, recomenda-se a mesma coisa – e sem maiores resultados. Não se avançou nada nestes vinte anos?**

Hoje conhecemos melhor as origens da obesidade (...)

- (13) (...) Olhe, ó Marcos Pinto,

Diga lá, José

É assim: isso, eu tenho ouvido, eu ainda hoje comecei a ouvir as coisas mais incríveis que... que as pessoas às vezes parece que não querem entender ou não querem ver. (...)

4.5. Deícticos espaciais

Os deícticos espaciais que ocorrem nas entrevistas estão também (como os deícticos temporais) condicionados pelas circunstâncias de produção dos textos. Nas **entrevistas de rádio** os interlocutores que co-produzem os textos não coincidem no espaço em que se encontram, portanto a ocorrência de deícticos tais como “aqui”, “cá” ou “aí” corresponde a indicações espaciais ancoradas no espaço de produção *parcial* de cada interlocutor (o que corresponde a diferentes cidades portuguesas na grande maioria dos casos analisados). Já nas **entrevistas de revista**, em que a alternância de vozes de interlocutores é uma encenação do próprio texto (produzido por um único autor-jornalista), a ocorrência de deícticos espaciais fica reduzida a uns poucos marcadores, não ancorados na situação dialogal particular simulada, mas geralmente ancorados no espaço mais vasto do país ou a cidade em que os interlocutores (encenados) dialogam. Assim, nas entrevistas escritas encontramos o emprego do advérbio “aqui”, por exemplo, com valor de “na cidade ou no país em que os dois interlocutores estamos”. Compare-se o emprego dos deícticos nestes fragmentos de entrevista oral (14) e de entrevista escrita (15):

- (14) (...) Não sei se o Marcos Pinto... sabe mas... aí em Lisboa há certos sítios que nós... onde antigamente ia e hoje as pessoas só não vê quem não quer

**Há lugares perigosos, claro que há, aqui em Lisboa.
Uns mais do que outros, claro que sim. (...)**

- (15) **É aqui, em Lisboa, que se sente em casa?**

Sinto-me em casa aqui e nos quartos de hotel. Mas é realmente aqui que tenho o meu cabeleireiro; onde saio à noite, nos bares da calçada da Bica, no Bicaense, no Baliza; é aqui que compro as minhas flores; onde vou almoçar, às Zebras do Combro, que é um sítio popular de que gosto muito.

4.6. Frases não declarativas

No que diz respeito à ocorrência de frases não declarativas, observam-se também divergências significativas entre os géneros analisados. O **boletim meteorológico** é o único género de entre os analisados que não apresenta frases não declarativas. No caso dos restantes géneros, cabe notar que as frases imperativas são pouco frequentes nas entrevistas (aliás, não se verificaram casos nas entrevistas escritas analisadas), mas dominam nas receitas de cozinha e ocorrem também nos horóscopos. Para além da diferença quantitativa, repare-se que, enquanto as frases imperativas assumem nas **receitas**

o valor de instrução (cf. exemplo (7)), nos **horóscopos** este tipo de frase ganha um valor de conselho, sugestão ou recomendação (cf. exemplos (8), (9) e (11)).

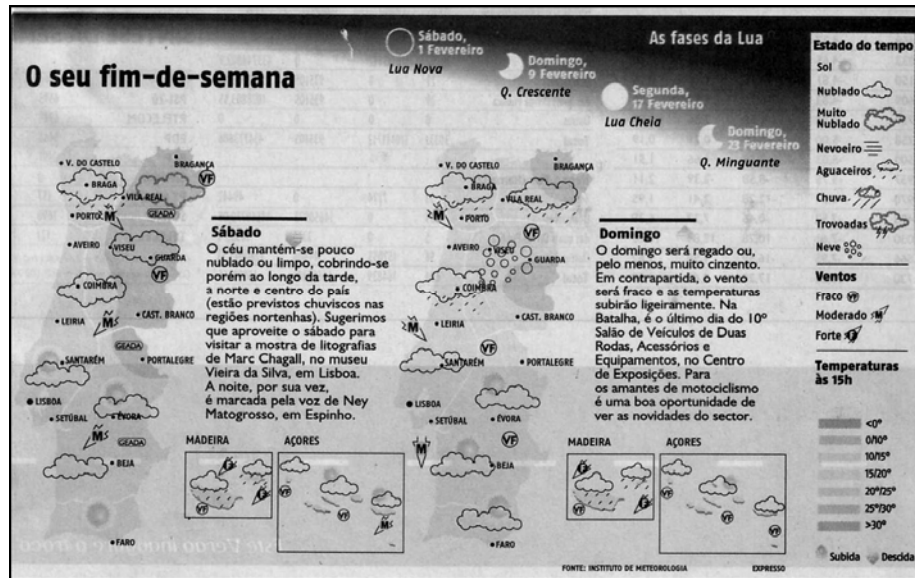
Nos textos do *corpus* inscritos nestes dois géneros em que abundam as frases imperativas, receitas e horóscopos, não ocorrem frases interrogativas ou exclamativas. Contrariamente, estas duas classes de frase apresentam-se em número muito elevado nas **entrevistas**. Numa primeira observação de frequência, há um maior número de frases exclamativas nas entrevistas de rádio. Quanto às frases interrogativas, nota-se que em ambas as espécies de entrevista estas frases são predominantes nas intervenções do entrevistador, mas nas entrevistas em rádio também são frequentes nas falas do entrevistado – especialmente, nas trocas de cumprimentos (iniciais ou finais). Nas entrevistas escritas, as interrogativas que ocorrem nas falas dos entrevistados são geralmente de tipo “retórico” ou, em menor medida, de tipo “tag”.

5. Considerações finais

O trabalho empírico desenvolvido permite confirmar a hipótese colocada: há, de facto, diferenças na realização do tipo linguístico associado ao discurso interactivo nos géneros analisados. Se, como já ficou dito, a hipótese tinha sido levantada a partir de alguns poucos textos empíricos, o que a análise de um *corpus* mais alargado permite verificar e demonstrar é que existem regularidades significativas na relação entre os géneros estudados e o discurso interactivo, de modo que não se trata, apenas, de aspectos relativos aos textos singulares.

Nos diferentes géneros analisados há a construção de um mundo discursivo da ordem do *expor implicado* (embora não seja necessariamente o único mundo discursivo em jogo, como se verifica claramente nas entrevistas), mas o feixe de unidades linguísticas que “traduzem” esse mundo discursivo diverge de acordo com o género em questão. A divergência entre os diferentes géneros não diz respeito apenas à ocorrência ou não ocorrência de unidades, mas também aos valores específicos destas unidades em cada género. Por exemplo, como vimos, o emprego de “hoje” no boletim meteorológico assume sempre o valor do dia da publicação, enquanto que nas entrevistas (escritas ou orais) este advérbio pode ser equivalente à época actual.

A relativa estabilidade das características linguísticas observadas pode ser ainda demonstrada mediante um último exemplo que não faz parte do *corpus* de análise. Veja-se o texto reproduzido em (16). Este exemplar inscreve-se no género boletim meteorológico. De acordo com a análise realizada, neste género não ocorrem marcas de agentividade (nem primeira pessoa, nem segunda, nem terceira com valor de segunda) No entanto, neste exemplo há algumas unidades linguísticas dessa natureza que ocorrem no segmento intitulado “Sábado”.



Exemplo (16)

Na caixa “Sábado” há as formas “sugerimos” e “aproveite” (“*Sugerimos que aproveite o sábado para visitar a mostra de litografias...*”). Estas unidades remetem ao enunciador e ao destinatário respectivamente. A ocorrência destes traços (bem como a ocorrência de outros elementos de ordem temática), sendo alheia à configuração associada ao boletim meteorológico, funciona como um indício da realização do processo de *intertextualização* (Miranda, 2007). Neste processo (que se caracteriza pela produção de um efeito de cruzamento de géneros) verifica-se a ocorrência de traços associados a géneros diferentes num mesmo texto. No exemplo, há os traços característicos do boletim meteorológico e alguns traços que se associam ao género agenda cultural. Em todo o caso, o que interessa observar agora é que a ocorrência de marcas de agentividade num género em que não são previstas (como o boletim meteorológico da imprensa) permite construir um processo de textualização particular. Este texto ilustra, portanto, a especificidade do tipo linguístico associado ao discurso interactivo no género boletim meteorológico: se há marcas de primeira ou de segunda pessoa num boletim meteorológico de um jornal, essas marcas devem indiciar a “convocação” de um outro género. Isto demonstra que a relação entre (alguns) géneros e (algumas) unidades do discurso interactivo pode estar altamente estabilizada – a ponto de a simples ocorrência de uma unidade do discurso interactivo não prevista pelo género do texto poder ser um indício de um cruzamento de géneros.

A divergência entre as unidades e os mecanismos do discurso interactivo que ocorrem em cada género analisado neste trabalho prende-se com dois

factores fundamentais: por um lado, os valores que os parâmetros contextuais adquirem em cada um dos géneros (valores esses relativos aos agentes, ao tempo, ao espaço e aos objectivos) e, por outro lado, o próprio conteúdo temático que os géneros mobilizam. Esta relação de influência dos factores contextuais e do próprio tema desenvolvido evidencia o modo como se relacionam a dimensão praxiológica e a dimensão linguística dos (e nos) géneros textuais. Identificar a especificidade do discurso interactivo na diversidade de géneros permite conhecer melhor esses modos de relação entre as práticas e a semiotização das práticas, assim como também permite abrir caminhos para o desenvolvimento de propostas de mediação formativa (por exemplo, no âmbito do ensino da língua). Para além destas considerações, é possível indicar algumas outras continuações possíveis da investigação relativa à relação entre géneros textuais e tipos de discurso: estudar outros géneros, observar como se realizam os outros tipos de discurso em diferentes géneros, aprofundar a caracterização dos tipos de discurso em diferentes línguas naturais.

Referências dos textos analisados

- Exemplo 1: Entrevista a José Manuel (ouvinte), Programa “Posto de escuta”, *Rádio Clube*, Julho de 2007.
- Exemplo 2: Entrevista a Carlos Canto Moniz, Revista *Sábado*, Secção *Primeira Escolha*, 9 de Agosto de 2007, pp. 2-3.
- Exemplo 3: Entrevista a Mísia, Revista *Sábado*, 20 de Maio de 2005, pp. 34-36.
- Exemplo 4: Receita de crepes, Revista *Notícias Magazine*, Secção *O avental dos famosos*, 11 de Julho de 2004, pp. 104-105.
- Exemplo 5: Entrevista a Júlio Sarmiento, Revista *Notícias Magazine*, Secção *NMholofotes*, 6 de Março de 2005, p. 19.
- Exemplo 6: Entrevista a José Manuel (ouvinte), Programa “Posto de escuta”, *Rádio Clube*, Julho de 2007.
- Exemplo 7: Receita de Salada da avó com filetes, Revista *Pública*, Secção *Mesa*, 15 de Agosto de 2004, p. 60.
- Exemplo 8: Horóscopo, Segmento Carneiro, Revista *Pública*, 23 de Novembro de 2003, p. 87.
- Exemplo 9: Horóscopo, Segmento Virgem, Revista *Notícias Magazine*, 14 de Setembro de 2003, p. 56.
- Exemplo 10: Boletim meteorológico, *A Capital*, Secção *Tempo*, p. 47.
- Exemplo 11: Horóscopo, Segmento Sagitário, Revista *Notícias Magazine*, 14 de Setembro de 2003, p. 56.
- Exemplo 12: Entrevista a Pedro Teixeira, Revista *Pública*, 18 de Junho de 2006, pp. 64-68.
- Exemplo 13: Entrevista a José Manuel (ouvinte), Programa “Posto de escuta”, *Rádio Clube*, Julho de 2007.

Exemplo 14: Entrevista a Carlos (ouvinte), Programa “Posto de escuta”, *Rádio Clube*, Julho de 2007.

Exemplo 15: Entrevista a Mísia, Revista *Sábado*, 20 de Maio de 2005, pp. 34-36.

Referências bibliográficas

- Bronckart, Jean-Paul (1997). *Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionisme socio-discursif*. Lausanne: Delachaux et Niestlé.
- Bronckart, Jean-Paul (2004). Les genres de textes et leur contribution au développement psychologique. *Langages* 153, pp. 98-108.
- Bronckart, Jean-Paul (2005). Os géneros de texto e os tipos de discurso como formatos das interacções de desenvolvimento. In Menéndez, F. M. *Análise do Discurso*. Lisboa: Hugin, pp. 37-79.
- Bronckart, Jean-Paul et al. (1985). *Le fonctionnement des discours. Un modèle psychologique et une méthode d'analyse*. Paris: Delachaux & Niestlé.
- Coutinho, Maria Antónia. (2004). A ordem do expor em géneros académicos do português europeu contemporâneo. *Calidoscópico* 2 (2), Unisinos, pp. 9-15
- Gonçalves, Matilde & Florencia Miranda (2007). Analyse textuelle, analyse de genres: quelles relations, quels instruments? In Bigot, S. (ed.) *Autour des langues et du langage: perspective pluridisciplinaire*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, pp. 47-53.
- Mainueneau, Dominique. (1998). *Analyser les textes de communication*. Paris, Dunod.
- Marcuschi, Luiz A. (2003). A questão do suporte dos gêneros textuais. Disponível em: <http://bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/GEsuporte.doc>. Consultado em Novembro de 2003.
- Marcuschi, Luiz A. (2001). *Da Fala para a Escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez Editora.
- Miranda, Florencia (2004). Cartas de reclamação e respostas institucionais na imprensa: acerca do gênero e os mecanismos de responsabilização enunciativa. *Calidoscópico* 2, (2), pp. 17-24.
- Miranda, Florencia (2007). *Textos e géneros em diálogo – uma abordagem linguística da intertextualização*. Dissertação de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- Miranda, Florencia. (2008a). Aproximaciones y distancias. Una mirada sobre las formas de tratamiento en portugués y español. In Cariello, G.; G. Ortiz, & M. Ristorto (Comp.) *Tramos y tramas. Vol. II*. Rosario: Laborde. (No prelo)
- Miranda, Florencia (2008b). Géneros de texto e tipos de discurso na perspectiva do interaccionismo sociodiscursivo: que relações? *Estudos Linguísticos / Linguistic Studies*, 1, pp. 81-100.